

CURIOSIDADE É A CHAVE: PROMETEU E PANDORA

Paulo Maués Corrêa

paulomauescorreia@yahoo.com.br

<http://lattes.cnpq.br/0491326493716692>

RESUMO

O presente estudo se propõe a discutir acerca do papel do professor, tomando, para tanto, elementos da Mitologia Grega – especificamente as emblemáticas figuras de Prometeu e da curiosa Pandora – como suporte, sobretudo a partir de pressupostos evidenciados por Gaston Bachelard, em *A Psicanálise do Fogo* (1999), e por estudiosos do Mito como Jean-Pierre Vernant (2000), por exemplo. Para o aprofundamento do debate, lanço mão do espelhamento entre as proposições efetuadas e elementos de Literatura, especialmente a obra *Prometeu Acorrentado*, do trágico grego Ésquilo.

Palavras-chave: mito; educação; curiosidade; Prometeu; Pandora.

O ponto de partida para a reflexão a ser exposta no presente estudo é o seguinte: qual o papel do professor? Na minha prática docente, uma referência que me tem servido de base para “decifrar” tal tópico encontra-se em Gaston Bachelard, filósofo francês dos mais respeitados do século XX e que, n’*A Psicanálise do Fogo*, reporta-se ao Complexo de Prometeu.

A história desse “Titã” é extremamente conhecida e serviu de fonte de investigação por parte de estudiosos de diversas áreas do conhecimento, como a Filosofia e a Literatura, por exemplo. Apresento-lhes o personagem. Prometeu foi um deus que, durante a luta entre os Titãs liderados por Cronos e os Olímpicos comandados por Zeus, se manteve em posição neutra ou, segundo outra versão, tomou partido do “pai dos deuses e dos homens”, Zeus. Após a vitória dos Olímpicos, os Titãs foram lançados ao Tártaro, que é, segundo René Ménard, um “lugar obscuro e terrível, que causa espanto aos deuses” (1965, v.1, p.41). Prometeu é o protetor dos homens e foi ele quem roubou o fogo de Zeus e o deu para a humanidade. Quanto a esse tópico, há variantes, e uma delas, presente em *Mitologia*, de Edith Hamilton, afirma que, após o término das batalhas entre os deuses, o mundo se tornara finalmente um local propício para o surgimento da humanidade. Coube a Epimeteu, irmão de Prometeu, a responsabilidade da criação. Cito Hamilton:

Epimeteu, que significa “reflexão tardia”, era um desmiolado que invariavelmente seguia seus primeiros impulsos, e depois mudava de ideia. E foi assim que agiu nesse caso. Antes de criar o homem, concedeu aos animais todos os melhores dons: força, rapidez, coragem, astúcia, pelos e penas, asas e conchas, além de muitos outros mais. Desse modo, nada restou para os homens, nada que servisse para protegê-los, e nenhum atributo que lhes permitisse equiparar-se aos animais irracionais (1999, p.85).

Diante do equívoco, Epimeteu recorreu a seu irmão, que, conforme Hamilton (1999, p.85), quer dizer “prudência” – ambos são opostos, o primeiro faz e pensa depois, ao passo que o segundo pensa e em seguida age. Foi devido à falha de Epimeteu que Prometeu roubou o fogo de Zeus e o deu aos homens, justamente para distingui-los dos demais animais. Trata-se do fogo entendido como símbolo de genialidade, cultura ou linguagem, tanto que Thomas Bulfinch afirma que Prometeu ensinou à humanidade também “a civilização e as artes” (2006, p.35), e Jean-Pierre Vernant assegura:

o fogo é de fato a marca da cultura humana. Esse fogo prometeico, roubado pela astúcia, é um fogo “técnico”, um processo intelectual, que demarca a distância entre animais e homens, e consagra o caráter dos homens como criaturas civilizadas (2000, p.67).

Portanto, o homem sem “fogo” não passa de uma criatura em estágio inferior, sentido evidente em certas passagens da tragédia *Prometeu Acorrentado*, de Ésquilo, um dos três grandes trágicos gregos: “de estúpidos que eram, eu os tornei inventivos e engenhosos” (1964, p.21), afirma Prometeu. E os benefícios que ele fez aos homens são enumerados ainda na sua fala:

Antes de mim, eles viam, mas viam mal; e ouviam, mas não compreendiam. Tais como os fantasmas que vemos em sonhos, viviam eles, séculos a fio, confundindo tudo. Não sabendo utilizar tijolos, nem madeira, habitavam como as providas formigas, cavernas escuras cavadas na terra. Não distinguiam a estação invernososa da época das flores, das frutas, e da ceifa. Sem raciocinar, agiam ao acaso, até o momento em que eu lhes chamei a atenção para o nascimento e o caso

dos astros. Inventei para eles a mais bela ciência, a dos números; formei o sistema alfabético, e fixei a memória, a mãe das ciências, a alma da vida. Fui eu o primeiro que prendi os animais sob o jugo, a fim de que, submissos à vontade dos homens, lhes servissem nos trabalhos pesados. Por mim foram os cavalos habituados ao freio, e moveram os carros para as pompas do luxo opulento. Ninguém mais, senão eu, inventou esses navios que singram os mares, veículos alados dos marinheiros (1964, p.21).

Segundo outra versão do Mito, apresentada por Vernant (2000, p.61-63), no momento de definir as oferendas que os homens apresentariam em sacrifício aos deuses, Prometeu foi o responsável por estabelecer as regras do jogo. Como protetor dos homens, utilizou o seguinte estratagema: esquartejou um touro e o dividiu em dois montes; no primeiro, amontoou os ossos e os cobriu com o toucinho reluzente, e no segundo colocou a carne, porém a envolveu com pele e a escondeu por entre as vísceras do touro. Em seguida, pediu que Zeus escolhesse que pacote caberia aos deuses. Ele optou, evidentemente, pelo primeiro, que não passava de um engodo. Diante dessa trapaça, Zeus se vingou tomando o fogo dos homens, sem o qual de nada valia a carne comestível, pois não se poderia cozinhá-la. Foi depois disso que Prometeu roubou o fogo. A despeito das duas versões aqui apresentadas, um fato é invariável: o teor simbólico do fogo como emblema de cultura, elemento que nos distingue dos outros animais.

Apresentados o personagem e sua história, retorno a Bachelard, que define o Complexo de Prometeu como sendo “o complexo de Édipo do conhecimento” (1999, p.19).

No Complexo de Édipo, da Psicanálise Clássica (Bachelard evita referir-se ao nome Freud!?), o mais famoso do “arsenal freudiano”, para usar a expressão de Renato Bittencourt (1975, p.14), o filho quer tomar o lugar do pai, por meio da posse da mãe¹, ao passo que no Complexo de Prometeu é o discípulo quem quer ocupar o lugar do mestre, através da posse do fogo/conhecimento, tornando-se o referido “Titã” – as aspas, que também utilizei no início da exposição, são devidas àquilo que Vernant chama de “estatuto ambíguo” (2000, p.59) que tem esse deus, posto que paradoxal, já que, embora chamem-no de Titã, na verdade, nas palavras de

1 Na verdade, essa é uma definição parcial do que seja o complexo de Édipo, pois há também a versão feminina, em que a filha toma a mãe como rival e o pai como objeto do desejo (Jung cunhou, para essa variante, o nome de Complexo de Electra, que não se firmou). Tais proposições a respeito do Édipo se encontram em diversos escritos de Freud, como o *Esboço de Psicanálise* (2001) e *Cinco Lições de Psicanálise* (2003), para citar dois dos textos mais básicos do autor.

Vernant, “é filho de Jápeto, que é irmão de Crono. Portanto, seu pai é que é Titã. Prometeu não é propriamente um deles, mas tampouco é um Olímpico, pois pertence a uma linhagem diferente” (2000, p.59-60).

Ao contrário do Complexo de Édipo, o de Prometeu deve ser estimulado. E eis aí a grande função do professor: estimular o Complexo de Prometeu em seus alunos. Para tanto, é imprescindível o despertar de outro complexo, ao qual chamo de Complexo de Pandora.

A história dessa personagem está intimamente relacionada à de Prometeu, daí o motivo pelo qual não posso ser acusado de forçar uma ligação entre os dois complexos que ora exploro: o de Prometeu [conceito de Bachelard] e o de Pandora [conceito meu, assim acredito].

Mas quem é Pandora e em que consiste tal complexo? Ela é a primeira mulher, que foi enviada como presente ao imprudente Epimeteu, que não levou em consideração a recomendação de Prometeu para que não aceitasse nenhuma oferta dos deuses olímpicos. Ela passou a ser sua esposa e foi a mãe de toda a humanidade. Segundo a versão mais conhecida, ela portava uma pequena caixa na qual estavam todos os males e apenas uma coisa boa, a esperança, tanto que seu nome significa, conforme Gustav Schwab, “a que possui todos os dons” (1994, p.19). Com uma curiosidade invencível, ela abriu a caixa, e todos os males de lá saíram, e só a esperança ficou no recipiente.

Thomas Bulfinch apresenta mais duas versões dessa história. Em uma delas, o esposo Epimeteu é que possuía em casa “uma caixa, na qual guardava certos artigos nocivos, aos quais ainda não tinha recorrido enquanto preparava o homem para a sua nova morada” (2006, p.30); noutra, Pandora havia recebido entre seus presentes de casamento uma caixa, na qual os deuses haviam posto suas dádivas. A despeito das variantes, também nessas duas vertentes é demarcada a curiosidade da personagem, que abre a caixa e permite sair seu conteúdo, sempre deixando somente a esperança.

Assim, o Complexo de Pandora consiste em aticar, tal qual se faz com o fogo, a curiosidade dos alunos, sentimento que é característica basicamente feminina, conforme se vê tanto na Mitologia Grega quanto na *Bíblia*, daí a possibilidade do uso da expressão Complexo de Eva. Porém, para ficar no plano grego a que me propus trabalhar, prefiro a pagã Pandora.

Paulo Freire, usando outra forma de expressão, também reforça a importância de uma “curiosidade ingênua” que, “Ao criticizar-se, tornando-se então (...) curiosidade epistemológica,

metodicamente ‘rigorizando-se’ na sua aproximação ao objeto, conota seus achados de maior exatidão” (1996, p.31).

Reitero: os dois complexos, o de Prometeu e o de Pandora, estão intimamente ligados, sendo este mediador daquele.

Segundo Bachelard, conforme exposto anteriormente, o discípulo cumpre o papel de Prometeu por “roubar” o fogo/conhecimento do mestre, porém a este também cabe uma parcela do referido deus. Prometeu, na tragédia de Ésquilo, foi acorrentado ao Cáucaso, e uma ave de rapina vinha todos os dias perfurar-lhe o fígado, que se regenerava para ser fustigado novamente no dia seguinte, e, desde então, ele, como assegura Bulfinch, “se tornou o símbolo da resistência magnânima ao sofrimento imerecido, e da força de vontade que resiste à opressão” (2006, p.30). Constitui-se aí um quadro de suplício eterno, como acontece com o professor, pois os sucessos, no geral, não lhe são atribuídos, somente os fracassos. Isso é evidente, dentre outros fatos, nos seguintes relatos feitos por parte considerável dos alunos: “— Tirei um dez!”; e “— O professor me deu um zero!”.

Essa, contrariamente à de “um livro esperançoso, um livro otimista” (1996, p.19) de Paulo Freire – *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa* –, talvez possa parecer uma visão pessimista desse aspecto da educação. Que seja! Justifico: etimologicamente, Prometeu quer dizer, de acordo com consideração de Hamilton já anteriormente enunciada, “prudência” (1999, p.19), mas essa prudência está intimamente vinculada a outro traço, destacado por Vernant: “Prometeu é aquele que compreende antecipadamente, aquele que prevê” (2000, p.70), uma espécie de vidente – noutro livro, *Mito e Pensamento entre os Gregos*, Vernant abarca a informação de Hamilton: “Seu nome, derivado da raiz *i. -e. man-*, tem sentido que os gregos já reconheciam de ‘prudente, previdente’, em oposição ao seu irmão Epimeteu, o desajeitado, o irrefletido” (1990, p.313).

Logo, todo sujeito que quiser ser professor já deve saber de antemão de sua sina, termo que remete à autoridade máxima na Antiguidade Clássica, pois nem mesmo os deuses poderiam contrariar o Destino, as Moiras (Parcas, para os latinos) – aparecem geralmente na imagem de três velhas e, segundo Ménard, “Habitualmente Cloto se vê

fiando, Láquesis marcando o destino, e Átropos cortando o fio [da vida]” (1965, v.1, p.105). Prometeu, mesmo sabendo do que o esperava, não retrocedeu em suas atitudes, como bem evidencia sua própria fala na tragédia esquiliana que expõe seu infortúnio: “Eu havia previsto tudo... eu quis cometer o meu crime! eu o quis, conscientemente, não o nego!” (ÉSQUILO, 1964, p.16).

Se, por um lado, a tomada do professor como sendo também Prometeu é sangrenta, por outro, afasta do plano da Educação a possibilidade de se atribuir à figura magistral o papel de Zeus. Portanto, há, aí, a mudança de foco, pois do par saber/poder elucidado por Foucault ressalta-se primeiramente o saber, que se desdobra em poder, e não o contrário, a afirmação de um poder como sendo estatuto do saber. O “embate” entre os dois Prometeus, professor e aluno, é salutar, pois, como assegura o velho ditado popular, “os seixos são redondos porque descem o rio”, gerando o atrito que lapida. Nesse sentido, não há como não lembrar o espírito contestador de Prometeu destacado por Vernant [o que vai de encontro a proposições bachelardianas]:

Em suma, pode-se dizer que Prometeu exprime nesse universo ordenado a contestação interna. Não quer tomar o lugar de Zeus, mas na ordem que este instituiu é uma vizinha de contestação, como se liderasse no Olimpo — no mundo divino — uma espécie de movimento estudantil de maio de 1968 (1990, p.61).

Assim, é no desafio mútuo que ambas as partes tendem a crescer, a se lapidar. Mas tal atrito não pode ser confundido, de forma alguma, com falta de civilidade, pois isso os descaracterizaria como Prometeus, já que os afastaria do domínio ígneo que nos foi delegado pelo filho de Jápeto. A força é usada pela face mais recorrente de Zeus, não por Prometeu, que se fixa no plano da astúcia, tanto que Vernant o chama de “o ardiloso” (2000, p.59). Assim sendo, as seguintes palavras de Campbell são apropriadas: “Um bom professor está ali para identificar possibilidades e potencialidades, e em seguida dar conselhos, não ordens” (1990, p.152).

Paulo Freire refere-se a um desafio proposto ao aluno:

A tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de *desafiar o educando* com quem se comunica e a quem comunica, produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado (1996, p.38).

Por que não sugerir também um desafio por parte do aluno, em relação ao professor? Esse apagamento gera certa contradição em face da seguinte proposição do mesmo estudioso: “quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado” (1996, p.23).

Logo, o embate entre professor e aluno, desde que pautado em posturas compatíveis com Prometeu e inspirando pela curiosidade que caracteriza Pandora, é essencial para o desenvolvimento na busca pelo conhecimento.

Em relação à análise aqui proposta, ao contrário do que fez Werner Jaeger, em sua *Paidéia*, é uma leitura com vistas não a fazer um retorno à Grécia, mas sim com o propósito de evidenciar a perenidade que demarca a cultura grega em determinados aspectos, para comprovar que a Mitologia Grega continua viva e pulsante mesmo nos tempos atuais. Portanto, não foi a Grécia que se afastou, mas sim o homem moderno que deixou de entender sua linguagem e apagou de suas referências seus personagens, denunciando que, como afirma Ana Maria Machado, “A tradição clássica está desaparecendo a uma velocidade galopante – e todos nós vamos nos empobrecendo com isso” (2001, p.142).

Assim, o reconhecimento da perenidade da Mitologia Clássica é o que fica de mais marcante na presente proposta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **A Psicanálise do Fogo**. 2.ed. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BITTENCOURT, Renato. **Freud X Jung: a correspondência e os conflitos**. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.

BULFINCH, Thomas. **O Livro de Ouro da Mitologia: Histórias de Deuses e Heróis**. Trad. Luciano Alves Meira. São Paulo: Martin Claret, 2006.

CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

ÉSQUILO. Prometeu Acorrentado. In: **Teatro Grego**. Trad. J. B. Mello e Souza. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1964. (Clássicos Jackson, XXII)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

FREUD, Sigmund. **Esboço de Psicanálise**. Trad. Maria Aparecida Moraes Rego. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

FREUD, Sigmund. **Cinco Lições de Psicanálise; Contribuições à Psicologia do Amor**. Trad. Durval Marcondes et al. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

HAMILTON, Edith. **Mitologia**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

JAEGER, Werner. **Paidéia: a formação do homem grego**. 4.ed. Trad. Arthur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MÉNARD, René. **Mitologia e Arte**. Trad. Aldo Della Nina. São Paulo: Edameris, 1965. 2.v.

SCHWAB, Gustav. **As Mais Belas Histórias da Antigüidade Clássica: os Mitos da Grécia e de Roma**. 6.ed. Trad. Luís Krausz. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e Pensamento entre os Gregos**. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

VERNANT, Jean-Pierre. **O universo, os deuses, os homens**. Trad. Rosa Freire d'Aguilar. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SOBRE O AUTOR:

É licenciado em Letras pela Universidade Federal do Pará – UFPA. Especialista em Literatura e Suas Interfaces, pela Universidade do Estado do Pará – UEPA. Mestre em Estudos Literários (UFPA). Atua como professor de Literatura nas Faculdades Integradas Ipiranga e de Língua Portuguesa na Escola Estadual de Educação Tecnológica do Pará Professor Anísio Teixeira, ambas em Belém-Pa. Como ensaísta, recebeu quatro vezes o Prêmio Carlos Nascimento, no Concurso Literário Anual da Academia Paraense de Letras – APL (2000, 2004, 2008 e 2015), e o Prêmio IAP de Edições Culturais/2008. Autor de livros sobre Literatura, tendo feito especialmente estudos sobre a obra de Inglês de Sousa.